



II Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas

L U S O C O N F
2019

Livro de Atas

II Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas

Proceedings Book

II International Conference on Portuguese Language and Lusophone Relations

Editores:

Carlos Teixeira

Vitor Gonçalves

Paula Odete Fernandes

Alexandra Soares Rodrigues

Carla Guerreiro

Lídia Machado dos Santos

Ficha Técnica | Technical Record

Título | Title

LUSOCONF2019

II Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

II International Conference on Portuguese Language and Lusophone Relations: book of proceedings

Editores | Editors

Carlos Teixeira

Instituto Politécnico de Bragança

Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança

Paula Odete Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança

Alexandra Soares Rodrigues

Instituto Politécnico de Bragança

Carla Guerreiro

Instituto Politécnico de Bragança

Lídia Machado dos Santos

Instituto Politécnico de Bragança

Capa | Cover

António Meireles e Vitor Gonçalves

Edição | Edition

Instituto Politécnico de Bragança - 2021

Campus de Santa Apolónia

5300-253 Bragança

Portugal

Data de edição | issue date: agosto / August 2021

ISBN: 978-972-745-268-2

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/19030>

DOI: <https://doi.org/10.34620/lusoconf.2019>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt



“Aqui estamos nós” – reescritas da cidadania global com Oliver Jeffers

“*Aqui estamos nós*” - rewriting global citizenship with Oliver Jeffers

Dulce Melão¹
dulcemelao@esev.ipv.pt

¹*Escola Superior de Educação, CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal*

Resumo

A relevância e a crescente visibilidade conferidas, a nível nacional e internacional, à Educação para a Cidadania Global (ECG) apelam à renovação de práticas educativas, no âmbito das quais se podem conciliar caminhos que tenham o livro-álbum contemporâneo como tela privilegiada de atenção. Nesse sentido, o objetivo principal desta reflexão é rever os itinerários da ECG acolhidos pelos olhares multifacetados que se cruzam, repetidamente, nas ilustrações do livro-álbum *Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta Terra* (Jeffers, 2018). O enquadramento teórico da reflexão ancora-se: i) nos documentos internacionais que contemplam a ECG (UNESCO, 2015; 2016), em articulação com documentos nacionais como o *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al, 2016) e a *Estratégia nacional de educação para a cidadania* (Ministério da Educação, 2017); ii) na literatura de especialidade relativa ao papel maior desempenhado pela ilustração no livro-álbum contemporâneo (Kümmerling-Meibauer, 2017; Ramos, 2010). O artigo é norteado pelos seguintes objetivos: i) refletir sobre o modo como as ilustrações deste livro-álbum podem convocar uma teia de plurissignificações que implicam os leitores na compreensão da redescoberta de trilhos da cidadania global; ii) atentar nos modos como o entrelaçamento das ilustrações na narrativa possibilita olhar, de maneira renovada, o planeta Terra, pulsando nas múltiplas vozes aí inscritas. A análise detalhada de tal simbiose, em estreita associação com o papel central que daí decorre para os leitores (Eco, 2019), constitui o fulcro da metodologia adotada. Conclui-se que as diferentes vias de exploração desta narrativa visual reunindo, de forma singular, “apontamentos para viver no planeta Terra” acolhem itinerários de ECG de extraordinária riqueza que podem contribuir para a compreensão de algumas das suas dimensões conceptuais (socioemocional e comportamental), constituindo uma proposta que se adequa à natureza transdisciplinar que caracteriza a componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento (CeD) no 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB). As reescritas de mundos propostas por Oliver Jeffers lançam-nos, pois, o desafio de nos inscrevermos nos exercícios de empatia com a gentileza do traço que a narrativa e as ilustrações revelam – prolongamentos do bem-estar que (cuidadosamente) vai atravessando este livro-álbum.

Palavras-Chave: cidadania global, livro-álbum, ilustração.

Abstract

The relevance and growing visibility given, at national and international level, to Global Citizenship Education (GCE) call for the renewal of educational practices, in which the contemporary picturebook might play an important role. Bearing that in mind, this paper offers a review of GCE itineraries built through the multifaceted layers of significance that repeatedly traverse illustrations in the picturebook *Here we are. Notes for living on planet Earth* (Jeffers, 2018). The theoretical framework of this paper draws from: i) international

documents that focus on GCE (UNESCO, 2015; 2016), articulated with national documents such as *The framework for educational development - pre-school, primary and secondary education* (Torres et al, 2016) and the *National strategy education for citizenship* (Ministry of Education, 2017); ii) research concerning the major role played by illustration in contemporary picturebooks (Kümmerling-Meibauer, 2017; Ramos, 2010). Thus, the purpose of this paper is to shed light on: i) the role played by illustrations in meaning-making, fostering the rediscovery of paths of global citizenship; ii) the symbiotic relationship between text and illustrations, conveying new ways of looking at planet Earth, pulsing in the multiple voices inscribed there. The detailed analysis of such symbiosis, in close association with its central role for readers (Eco, 2019), constitutes the core of the methodology adopted. This paper concludes by stressing that the different avenues of exploration of this visual narrative, encompassing, in a unique way, “notes for living on planet Earth,” welcome extraordinarily rich GCE itineraries, fostering better understanding of some of its conceptual dimensions (socio-emotional and behavioural), – thus gathering a proposal that fits the transdisciplinary nature that characterizes the curriculum component of Citizenship and Development (CaD), in primary education. The rewritings of worlds suggested by Oliver Jeffers set us the challenge to inscribe ourselves in the exercises of empathy that the narrative and the illustrations unveil – extensions of the well-being that (carefully) traverse this picturebook.

Keywords: global citizenship, picturebook, illustration.

1. Introdução

O papel desempenhado pela literatura para a infância no fortalecimento de elos de empatia com os mundos que habitamos é sobejamente reconhecido. Nos dias de hoje, face à multiplicidade de desafios associados ao repensar da vida em sociedade como exercício de cidadania global, tal contributo ganha, porventura, maior relevância – em múltiplos contextos, pautados pela diversidade, redobrada em cuidados.

Este artigo busca entretecer-se nos desafios anteriormente expostos, através das releituras do livro-álbum *Aqui estamos nós – apontamentos para viver no planeta Terra* (Jeffers, 2018). Entendendo-se que qualquer proposta de leitura se deve nortear pelo objetivo do deleite como requisito indispensável à nutrição do leitor – cidadão ávido de redescobertas, – sugerem-se algumas “reescritas da cidadania global,” explicitadas ao longo desta reflexão.

Procurar-se-á repensar o modo como, no livro-álbum, os movimentos de reinícios e de repetições inscritos nas curtas sequências verbais e nas ilustrações incutem alento ao conceito de cidadania global, considerado na sua ampla polissemia – alimentando-o, enriquecendo-o de metamorfoses e reconfigurações, apelo breve desdobrado em poesia.

O artigo segue uma estrutura tripartida: i) apresentação de breve referencial teórico, sendo lançados os alicerces da reflexão realizada; ii) sustentação das reescritas da cidadania global, ramificadas em “Tempos da cidadania” e “Reinícios do pulsar da Terra,” abrindo caminho aos percursos de análise propostos, em diálogo com o referencial teórico – no reforço do cariz poético do livro; iii) conciliação de considerações finais, dando conta dos balanços das linhas entrelaçadas ao longo das reflexões realizadas.

1.1. Referencial teórico

O enquadramento teórico desta reflexão ancora-se: i) nos documentos internacionais que contemplam a Educação para a Cidadania Global (UNESCO, 2015; 2016), em articulação com documentos nacionais como o *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al, 2016) e a

Estratégia nacional de educação para a cidadania (Ministério da Educação, 2017); ii) na literatura de especialidade relativa ao papel maior desempenhado pela ilustração no livro-álbum contemporâneo (Kümmerling-Meibauer, 2017; Ramos, 2010).

A Educação para a Cidadania Global (ECG) tem sido alvo de atenção a nível nacional (Neves & Coelho, 2018; Silva & Andrade, 2018; Simões & Tomaz, 2018) e internacional (Bugallo-Rodríguez & Naya-Riveiro, 2018; Goren & Yemini, 2017; Misiaszek, 2019), reposicionando o debate sobre modos de participação ativa na sociedade e estimulando a reflexão sobre práticas educativas hodiernamente em curso.

No recente estudo intitulado *Teacher education for sustainable development and global citizenship* (Bamber, 2019) é frisada a relevância da formação orientada para o acolhimento de valores para um mundo mais justo e sustentável. Considerando a ECG um constructo complexo, Bamber (2019, p.7) sublinha o seguinte: “Confronted with challenging situations or controversial issues in the classroom, student teachers draw upon complex professional knowledge, much of which is tacit, bound up with one’s goals, beliefs and values”. Tal implica a realização de um trabalho sustentado, possibilitando a abertura de itinerários de redescoberta que possam dar alento aos futuros professores para a reconstrução de representações da ECG que se possam repercutir, de modo vantajoso, nos estudantes.

Peach e Clare (2017) corroboram tal necessidade, ao apontarem para a responsabilidade de a formação, no ensino superior, incluir planos curriculares que permitam refletir sobre o compromisso cívico com atitudes fundamentadas no respeito pela pluralidade e pela diversidade cultural, centradas na empatia. O “cidadão global” reunirá, assim, na sua perspetiva, um importante conjunto de características, devendo ser “(...) responsible (to both society and the environment), capable (problem solvers, communicators, negotiators and leaders), compassionate (socially and emotionally intelligent) individuals able to sensitively and constructively engage with cultural ‘others’” (Peach & Claire, 2017, p. 48).

Em Portugal existe, atualmente, um conjunto de documentos orientadores de parâmetros a adotar, em contexto educativo, relativamente ao reforço da Educação para a Cidadania desde a Educação Pré-Escolar até ao final da escolaridade obrigatória. Na *Estratégia nacional de educação para a cidadania* (Ministério da Educação, 2017) é frisada, por exemplo, a relevância dos desafios à escala global com que nos deparamos, exigindo, de todos, cooperação atenta.

No *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário* (Torres et al, 2016, p. 5) é sublinhado, por seu turno, o papel da escola relativamente ao “(...) desenvolvimento de capacidades e a promoção de valores, atitudes e comportamentos que permitam às crianças e aos jovens a compreensão crítica e a participação informada perante desafios locais e globais”, de modo a consubstanciar exercícios de cidadania global, promovendo o desenvolvimento sustentável.

Reconhecendo o caráter amplo e diversificado de que pode revestir-se o conceito de cidadania global, no âmbito desta reflexão seguimos a proposta definida pela UNESCO (2016, p. 14): “A cidadania global refere-se ao sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, social e cultural entre os níveis local, nacional e global”. No mesmo documento é explicitado o conjunto de dimensões que contempla:

- Dimensão socioemocional definida como “Sentimento de pertencer a uma humanidade comum que compartilha valores, responsabilidade, empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças e pela diversidade” (UNESCO, 2016, p. 15);
- Dimensão comportamental, incluindo a “Atuação efetiva e responsável em âmbito local, nacional e global, por um mundo mais pacífico e sustentável” (UNESCO, 2016, p. 15);
- Dimensão cognitiva, conglomerando a “Aquisição de conhecimento, compreensão e pensamento crítico sobre questões globais, regionais e locais, bem como sobre as inter-relações e a interdependência dos diferentes países e grupos populacionais” (UNESCO, 2016, p. 15).

Face ao amplo escopo e à renovada ambição dos objetivos associados a cada dimensão, este artigo foca, sobretudo, dois deles: i) a relevância do desenvolvimento de atitudes de empatia pelos outros e pelo ambiente, aliada ao respeito pela diversidade; ii) o reconhecimento e a apreciação das diferenças e das identidades múltiplas reconstruídas em conjunto. Ambos ecoam, de maneira persistente e ativa, nas duas primeiras dimensões apontadas acima – belamente plasmadas na fruição da leitura do livro-álbum em análise.

Atualmente, o livro-álbum pode ser pretexto de leituras que motivam muitas outras, favorecidas, frequentemente, pelo elevado apuramento estético das ilustrações, consolidado numa teia peritextual complexa – andanças da imaginação, restituindo às crianças o direito de sonhar. Aduzir múltiplos exemplos que o corroboram é tarefa difícil, face ao número de vozes que felizmente ecoam na diversidade de livros-álbum hoje disponibilizados no mercado editorial português. Importa, antes, que sejam apontadas algumas das vantagens associadas à partilha que este tipo de livro solicita e oferece, de modo generoso: i) a promoção de olhares renovados sobre a ilustração e o texto, nos seus múltiplos entrelaçamentos; ii) a reconfiguração dos espaços que se abrem página a página nelas transbordando – renovada motivação para os leitores; iii) a criação de cumplicidades estimadas ao longo da vida.

Tais características podem, pois, facilitar o acolhimento de experiências da leitura de invulgar riqueza, contribuindo para a compreensão da cidadania global, ao incrementarem a capacidade de reflexão dos leitores “(...) sobre si próprios e sobre os outros (...) [fazendo] escolhas quanto aos compromissos que querem partilhar” (Torres et al, 2016, p. 13). Nas seções seguintes, procurar-se-á mostrar que “compreender a construção de compromissos éticos e cívicos como condição para a criação de uma sociedade mundial justa e sustentável” (Torres et al, 2016, p. 16) pode estar plasmado, de modo amenamente poético, no traço de Oliver Jeffers.

2. Reescritas da cidadania global

Nesta secção apresentamos uma proposta de leitura contemplando “reescritas da cidadania global,” tendo como matéria-prima o livro-álbum *Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta Terra* (Jeffers, 2018). Elaborado por Oliver Jeffers no intuito de agir como “guia” para apresentar a Terra ao seu filho, Harland, o livro-álbum é particularmente belo pelo modo como envolve os leitores no seu compromisso com o planeta que habitam – convidando-os a contemplar, com morosidade, um conjunto de ilustrações instigadoras de tempos para fruir a leitura, (in)esperado bem-estar.

O artigo é norteado pelos seguintes objetivos: i) refletir sobre a teia plurissignificativa convocada pelas ilustrações do livro-álbum, implicando os leitores na compreensão da redescoberta da cidadania global; ii) atentar nos modos como o entrelaçamento das ilustrações na narrativa possibilita olhar, de maneira renovada, o planeta Terra, pulsando nas múltiplas vozes aí inscritas.

2.1. Tempos da cidadania

Em *Seis passeios nos bosques da ficção* (Eco, 2019), no capítulo intitulado “Demorando no bosque,” é frisada a relevância da demora como instigadora de tempos destinados a resguardar os leitores que podem ser encarados como apelos à fruição. No entender de Eco (2019, p. 83), “Na ficção as demoras incluem muitas vezes descrições de objetos, de personagens, de paisagens. O problema é descobrir para que servem na história”.

No livro-álbum, tais “demoras” surgem de forma reconfigurada e muito rica, através das ilustrações. Estas acomodam diversos “tempos de fruição” cuja finalidade é selar o compromisso dos leitores com exercícios de cidadania pautados por elevado apuramento estético – convocando paragens incitadoras de tempos para abraçar, livremente. Como sublinha Mia Couto (2019, pp. 200-201), “Neste reino da contingência e do efêmero, uma lamúria se tornou comum. Lamentamo-nos que não temos tempo para nada (...) Mas nós não precisamos de mais tempo. Precisamos de um tempo que seja nosso.”

No livro-álbum, Oliver Jeffers acolhe os leitores de maneira muito singular, poética e terna, através das representações espaço-temporais ampliadas na dupla página. Estas alicerçam e promovem tempos de contemplação do planeta Terra, de modo(s) invulgar(es). A título de exemplo, deter-nos-emos em três ilustrações e nos ecos que daí resultam, oferecendo generosos percursos de acolhimento da ECG.

Apreciemos, primeiramente, o retrato apresentado do mar, “cheio de coisas maravilhosas” (Jeffers, 2018, s/p). A ilustração, em dupla página, que o sustenta, promove o reencontro sublime dos leitores com o azul imenso que nele se espelha e se respira. Encontram, aqui, tempo para o detalhe, podendo o seu olhar perder-se: i) no pequeno ninho que repousa numa rocha; ii) no pinguim que parece ter encontrado o seu porto de abrigo no iceberg que o acolhe; iii) no barco e na arca do tesouro escondidos no fundo do mar, convidando a redescobrir curiosidades; iv) nos peixes que passeiam calmamente no seu habitat natural, mar de cores onde se desenha, de modo belo, a diversidade; v) na sã convivência e harmonia plasmadas nas águas plácidas – apelo repetido a um mergulho na página.

Mais adiante, a relevância da compreensão da diferença enquanto movimento ao encontro de Outros é bem vincada através da apresentação na dupla página de pessoas oriundas de distintas culturas, géneros e profissões (empregado de mesa, carteiro, malabarista, apicultor, pianista, astronauta, cozinheiro, enfermeira, bailarina, entre muitas outras). A curta sequência verbal que acompanha a ampla ilustração – “Podemos parecer diferentes, fazer coisas e sons diferentes..., mas não te deixes enganar, somos todos pessoas” – sintetiza e reforça a valorização da identidade numa miríade de facetas. Como refere Mia Couto, a propósito da forma como se revê no mundo, muitas vezes os percursos de uma vida fazem-nos criaturas de “múltiplas fronteiras” (Couto, 2019, p. 193), acolhendo pertenças que nos vão tornando cidadãos, num processo dinâmico e inacabado.

A ênfase na empatia fica, também, plasmada no breve texto que acompanha o retrato dos animais que moram no planeta Terra, matizando, de múltiplas cores, a dupla página: “Eles não falam, mas isso não quer dizer que não devemos tratá-los bem” (Jeffers, 2018, s/p).

A renovada atenção ao detalhe, felicidade muito bem captada no traço de Jeffers, assegura que os leitores possam deleitar-se com um pequeno papagaio que reclama: “Eu falo!” (Jeffers, 2018, s/p) ou com um abutre que sussurra: “Eu não devia estar aqui” (Jeffers, 2018, s/p). A generosidade imbuída na pintura das diferenças e das características de cada animal (de vários continentes, como por exemplo, o coala, o crocodilo, o flamingo rosado, a morsa e a pantera negra) permite reconstruir mundos conglomerados na Terra, de modo afetoso, erguendo momentos de bem-estar – compromissos de carinho pelos leitores, vozes entrecidas nos silêncios das ilustrações.

2.2. Reinícios do pulsar da Terra

Na capa do livro-álbum a Terra olha os leitores de frente, refletindo serenidades – sorri, ainda. Pequenos pontos luminosos anunciam e denunciam a presença do Homem, acentuada pelas marcas de progresso exibidas à sua volta (um foguetão, um satélite e um avião). Adicionalmente, nas estrelas de tamanhos distintos que dançam na capa e na contracapa, os leitores ganham saboroso alento – quais espectadores da sinfonia noturna estrelada que a escuridão possibilita escutar.

Nas guardas iniciais do livro são dadas indicações claras sobre “como descobrir o caminho quando nos perdemos,” entrecidas na união entre o céu e o mar, abrigados em doce manto de estrelas – e, porventura, nas vozes que ecoam, também, na caracterização do planeta. A importância de lhe conceder a maior atenção é reiterada através dos recomeços dos percursos de leitura plasmados na dedicatória e na citação que a acompanha – reverberando alentos nos múltiplos sentidos que conglomeram.

Na dedicatória ao filho, Harland, Jeffers confessa que a escrita do livro-álbum foi norteada pelo objetivo de lhe explicar “(...) o sentido de tudo isto. Estas são as coisas que eu acho que precisas de saber” (Jeffers, 2018, s/p). A citação de J. M. Barrie (2018, s/p), selecionada por Jeffers, entrando em diálogo com a dedicatória, merece cuidados acrescidos: “E se, daqui em diante, adotássemos uma nova regra de vida: tratar sempre ser um bocadinho mais simpáticos do que o estritamente necessário?”. No seu conjunto, dedicatória e citação tecem um “tempo de abrandamento” (Eco, 2019, p. 84) que pode reconfigurar modos de nos repensarmos cidadãos num mundo global.

A opção do autor/ilustrador por dar voz às vozes de Outros, para ampliar a reflexão dos leitores é, também, replicada no “final” do livro, dado que aí se (re)encontram três citações – cruzando os olhares de uma astronauta e física, de um inventor e do pai de Jeffers. Estimar, tratar e cuidar são alguns dos verbos que sobressaem em tais vozes, em estreita conexão com o respeito, a consideração e a tolerância – consideradas fundamentais pelo progenitor na caminhada dos cidadãos, unindo-os. No seu conjunto, as citações dão testemunho da constelação de cuidados que Jeffers desenha no livro-álbum. Nela transparece a necessidade de mudança de atitudes em relação ao planeta Terra – celebrando pactos de empatia, eivados de carinho.

Ao longo do livro, os contrastes que os leitores fruem através da simbiose entre o texto e as ilustrações abrem novos caminhos de releituras da Terra, redesenhando-a. Apontam-se dois deles pela profunda sensibilidade do seu delinear: o contraste dia/noite e pressa/vagar. No primeiro caso, as marcas de temporalidade são assinaladas de modo invulgar, através da divisão da dupla página, na horizontal, vincada pela seleção da paleta cromática para representar o dia (tons de amarelo) e a noite (tons de azul-violeta). É frisado o seguinte: “Em traços gerais, isto funciona assim: quando o sol nasce, é dia, e nós fazemos coisas” (Jeffers, 2018, s/p). O retrato de tais “coisas” revela-se amplíssimo e sereno através da ilustração apresentada cuja luminosidade seduz pela harmonia que deixa transparecer: várias crianças brincam livremente, passeios em família ocupam lugar

de destaque, amigos reencontram-se. E, à semelhança do sucedido em outros livros de Jeffers – como, por exemplo, *O coração e garrafa* (Jeffers, 2010) – a leitura de um livro – simbolicamente intitulado *Como se vive na Terra*, – clama atenção ao detalhe: “O resto do tempo é noite, quando tudo está escuro, menos a lua, e nós dormimos” – por isso, na ilustração apresentada, o sossego lançou o seu manto sobre os pais, o cãozinho e o peixe no aquário, mas o bebé continua acordado, em doce inquietação. A harmonia e a serenidade que exalam das páginas contagiam os leitores, desenhando-se no equilíbrio das coisas da Terra e tornando presente que “Na realidade as coisas não nos rodeiam, nós formamos com elas um mesmo mundo, somos coisas e gente habitando um inevitável corpo” (Couto, 2013, p. 23).

O contraste entre a pressa e o vagar exige outras demoras, envolvendo os leitores. Jeffers opta por torná-lo mais marcado através da apresentação de um cenário idílico campestre, a preceder as rotinas citadinas – ambos com múltiplos apontamentos de luz, apelando ao toque das sensações visuais e auditivas, escutadas na dupla página. Ao descanso e à paz evidenciados no cenário campestre retratado – acentuados pela paleta de cores suaves selecionada – contrapõe-se o desassossego frenético da cidade. Para que os leitores o escutem de modo cuidadoso, tal inquietação é sublinhada pela pletora de meios de transporte apresentados (navios, carros, camiões, autocarros, metro, avião, dirigível, etc.), bem como pelo desenho de edifícios de grande porte. Mas outros olhares atentos – focando a necessidade e o direito de estar em casa, dentro da cidade, – encontram, também, resguardados sob o letreiro “Coisas” um edifício onde se perfilam doze janelas, dando conta de tantos outros quotidianos, por exemplo: uma mulher toca saxofone; um casal dança; um homem fuma cachimbo; um rapaz lê; um gato aconchega-se no parapeito de uma janela, etc. Coisas que acontecem, pois, no dia a dia, embalando-se nos ritmos ditados e saboreados por cada um. O aviso de Jeffers, plasmado no texto que se funde na ilustração, – “[...] é bem mais frequente que tudo ande muito depressa, por isso usa bem o teu tempo. Ele acaba antes que dê por isso” – reforça a relevância de conceder atenção aos múltiplos modos de vida na Terra, exigindo dos leitores mais e maior reflexão, pois, como sublinha Ferrante (2019, p. 38) importa acarinhar “[...] um futuro de abertura absoluta ao outro, a cada ser vivo, a tudo o que o sopro da vida atravessa”. Na gentileza entrelaçada neste livro-álbum, respira-se tal sonho.

3. Considerações finais

Face ao percurso realizado, foi possível compreendermos que o livro-álbum *Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta terra* é matéria-prima propiciadora do acolhimento de itinerários de ECG de extraordinária riqueza que muito podem contribuir para a compreensão de algumas das suas dimensões conceptuais (mormente a socioemocional e a comportamental).

Poderosas aliadas dos leitores no que à fruição na leitura diz respeito, as ilustrações deste livro-álbum desempenham um papel primordial relativamente aos movimentos de reescritas da cidadania global que ecoaram ao longo da nossa análise. Os tempos de contemplação que exigem contribuem para o acolhimento da sensibilidade estética dos leitores, auxiliando-os a fruir o detalhe enquanto condição fundamental para compreensão da beleza.

Inferimos também que o entrelaçamento das ilustrações na narrativa possibilita olhar, de maneira renovada, o planeta Terra, pulsando nas múltiplas vozes aí inscritas. Tal entrelaçamento é alentado através da harmonia inculcada pelo ameno balanço das sequências verbais nas ilustrações, plasmadas de serenidades. As vozes implícitas nos contrastes que permeiam a Terra, luzes e sombras banhando quotidianos, desdobram-se

em apelos ao respeito pela diversidade e pelas diferenças, englobando pertenças a uma humanidade comum.

Em síntese, o livro-álbum *Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta terra* lança, em permanência, aos leitores, o desafio de se inscreverem nos exercícios de empatia convocados pela delicadeza do traço de Jeffers que a narrativa e as ilustrações revelam – demoras tranquilas, em cada releitura.

4. Referências

- Bamber, P. (2019). Reconnecting research, policy and practice in education for sustainable development and global citizenship. In P. Bamber (Ed.) *Teacher education for sustainable development and global citizenship* (pp. 1-19). London: Routledge.
- Bugallo-Rodríguez, Á., & Naya-Riveiro, M. C. (2018). Educación para la ciudadanía global (ECG): comprendiendo lo internacional a través de lo local. *Revista Lusófona de Educação*, 41(41), 139-151.
- Couto, M. (2019). *O universo num grão de areia*. Lisboa: Caminho.
- Couto, M. (2013). *E se Obama fosse africano? Interinvenções*. Lisboa: Caminho, 3.^a ed.
- Eco, U. (2019). *Seis passeios nos bosques da ficção*. Tradução de Wanda Ramos. Lisboa: Gradiva.
- Ferrante, E. (2019). *A invenção ocasional*. Ilustrações de Andrea Ucini. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água.
- Goren, H., & Yemini, M. (2017). Citizenship education redefined – A systematic review of empirical studies on global citizenship education. *International Journal of Educational Research*, 82, 170-183.
- Jeffers, O. (2018). *Aqui estamos nós. Apontamentos para viver no planeta terra*. Tradução de Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro.
- Jeffers, O. (2010). *O coração e a garrafa*. Tradução de Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro.
- Kümmerling-Meibauer, B. (2017) (Ed.). *The routledge companion to picturebooks*. London/New-York: Routledge.
- Ministério da Educação (2017). *Estratégia nacional de educação para a cidadania*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Misiaszek, L. I. (2019). *Exploring the complexities in global citizenship education: hard spaces, methodologies, and ethics*. London/New-York: Routledge.
- Neves, L., & Coelho, L. S. (2018). *Global schools. Propostas de integração curricular da educação para o desenvolvimento e cidadania global no 1.º e 2.º CEB*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Peach, S. & Clare, R. (2017). Global citizenship and critical thinking in higher education curricula and police education: a socially critical vocational perspective. *Journal of Pedagogic Development*, 7(2), 46-57.
- Ramos, A. M. (2010). *Literatura para a infância e ilustração*. Porto: Tropelias & Companhia.
- Silva, F. P., & Andrade, A. I. (2018). Educação para a cidadania global e intercompreensão: reflexões em torno de um projeto desenvolvido no 1.º ciclo do ensino básico. *Indagatio Didactica*, 10(1), 83-97.
- Simões, A. R., & Tomaz, C. (2018). Educação para a cidadania global e projetos de intervenção na formação inicial de professores/educadores. *Indagatio Didactica*, 10(1), 29-45.
- Torres, A., Figueiredo, I. L., Cardoso, J., Pereira, L. T., Neves, M. J., & Silva, R. (2016). *Referencial de educação para o desenvolvimento – educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.

UNESCO (2015). *Educação para a cidadania global – preparando os alunos para os desafios do século XXI*. Brasília: UNESCO.

UNESCO (2016). *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.